



DIEGO GRANDO

25 Rua do Templo

seguido por

Palavra Paris

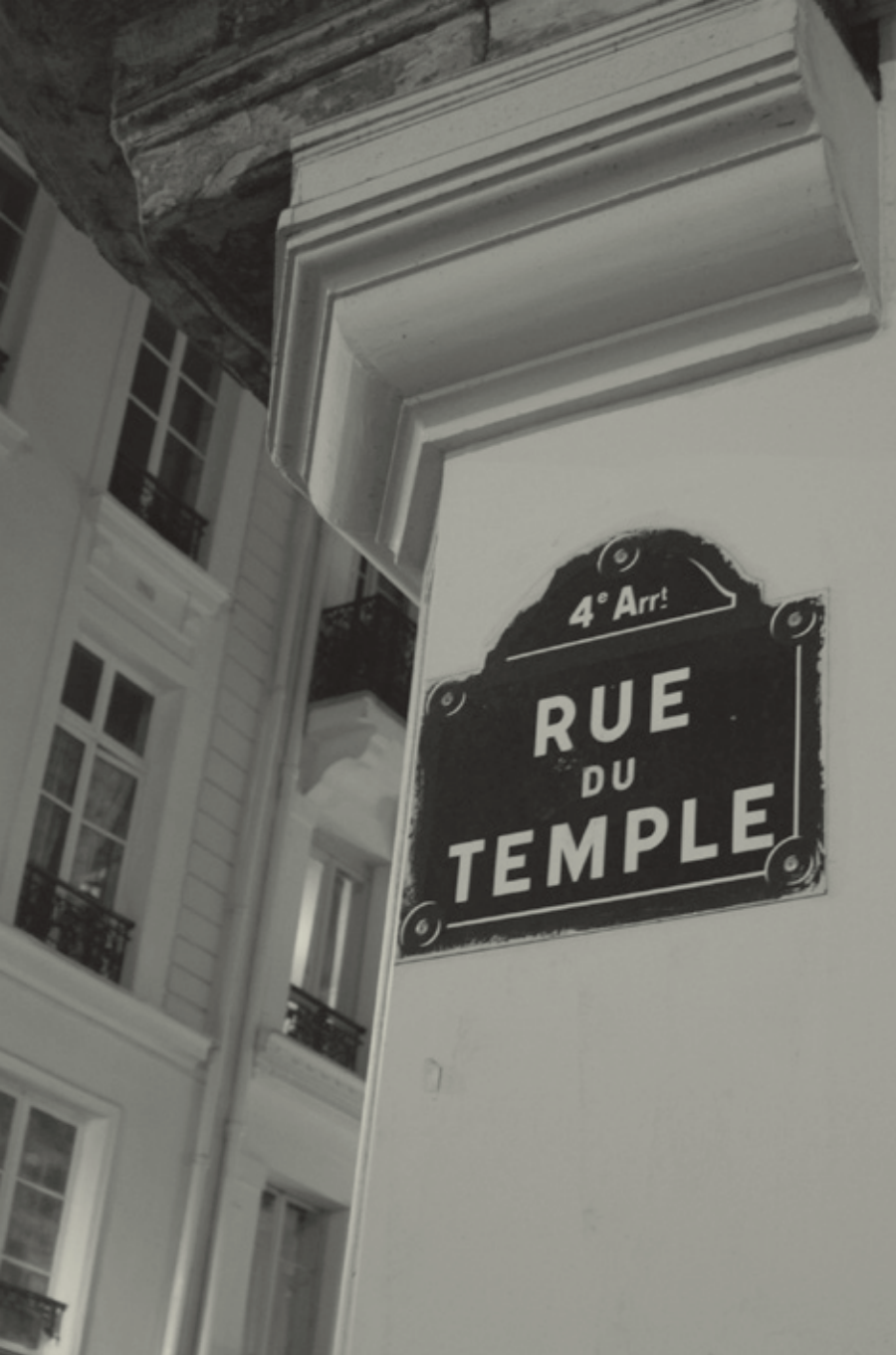


não • editora

Porto Alegre

2010

CONTÉM 1 DRAMA - I



25 Rua do Templo



Troco de ano como quem troca o lado da calçada
numa travessa medieval:
poucos passos entre prédios fora de prumo
e mais nenhuma resolução a tomar.
Das narinas um nevoeiro
embaça minhas lentes e condensa uma nuvem
espessa nuvem de saudade e éter
que as mãos com sensibilidade de lã são incapazes de desfazer
e assim me ensina que há outro hemisfério
outras estações
talvez uma outra era
para um mesmo dia
uma mesma hora
para o mesmo
e sobretudo o mesmo
desespero.

Paro na rua deserta e sombria
companheira desta hora que não escolhi
rua deserta não muito distante
dos grandes bulevares abarrotados de alegria espumante
flashes ao vivo para o mundo inteiro
e meia dúzia de carteiras roubadas
rua deserta no coração da cidade
que um dia chamaram

talvez sem previsão de ironia
Cidade Luz
e descubro que Einstein quase oitenta anos antes do meu nascimento
sabia muito mais a meu respeito
e sobre este momento
do que Freud e todos os seus discípulos
sobre a condição humana.

Perco meu olhar no céu de estrelas falsas
e tomado de uma angústia pirotécnica
sinto que a hora ainda não chegou
apesar da respiração insistente de um acordeom
ressoando de uma janela acesa
ressoando de um longa-metragem do início do novo século
que músicos ambulantes trocam por moedas em estações de metrô
ressoando de uma taberna frequentada
apenas por mim e minha vertigem
sinto que a hora
não chegou
apesar dos segundos contados para trás
como um esforço coletivo e ébrio
de dar corda no calendário
este brinquedo de Sísifo que inventamos
para levar a sério
dia a dia
gregorianamente.

Sinto com precisão a hora
que não chegou
quem sabe ainda preso
ao ano que definhando escorre
sem uivos
pelas bocas-de-lobo
como a prova definitiva
de um nacionalismo desconhecido
quem sabe apenas confuso
de estar sozinho e sentado à direita
não de Deus Pai Todo-Poderoso

mas do antigo Observatório Real de Greenwich e de seu nulo meridiano
vivendo esta noite difusa
sem mesa farta de mãe e lentilhas
sem pai e irmão discutindo azeitonas e copos
sem falta de apetite e coragem
sem a promessa de não mais fazer promessas
sem peça branca de roupa no corpo
nem ao menos encardida.

Procuro mais um gole de consolo
numa garrafa de água de vida
como o alquimista que procura a eternidade
de seu corpo e de seu nome
num elixir grosseiramente destilado
com muita fé e pouca ciência
no seu laboratório particular
sem saber que o maior dos alquimistas
foi Guillaume Apollinaire de Kostrowitzky
que viveu perto daqui
em alguma esquina do Boulevard Saint-Germain
que morreu aos 38 anos
em 9 de novembro de 1918
e que não teve pai
nem pátria
portanto não deve ter tido
problemas com esta data.

Esta rua estreita que se tornou meu coração
rua sem saída e no entanto cruzamento
congestionado cruzamento de datas e nomes em que não é preciso
esforço para atravessar
basta ir em frente e não olhar para os lados
basta especialmente não olhar para trás
eu mesmo assim não atravesso
ao perceber que a distância
da última padaria aberta
é a mesma neste momento
que a de todo um oceano

com suas ilhas
com suas cadeias de montanhas submersas
e suas correntes marítimas
com seus navegadores sem rumo
ou simplesmente no rumo da morte
com suas águas salgadas e frias
salgadas e frias como a solidão e a noite.

Não muito longe passa o trem cujo sussuro agora escuto
ou recordo apenas
ou simplesmente invento.

Como todo trem ele vem do passado
desembarcando sonhos e planos de fuga
jovens de dezesseis anos que já não se lembram mais de suas infâncias
câmeras fotográficas olhos avermelhados cabeças baixas
pintores espanhóis mulheres com documentos falsos
uma criança com febre
um que se deixou ficar no banheiro durante o controle de passagens
e mais dezenas de pessoas boas
dezenas de pessoas más
um intelectual que não crê na divisão das pessoas
em boas e más
um ex-combatente mutilado
um vendedor de livros de auto-ajuda
um mau poeta.
Também já vim
naquele trem que vai
e um dia volta.

Jogo novamente o olhar para o céu de estrelas mortas e fumaça
penso nas léguas e livros que percorri nas madrugadas
penso na interpretação dos pesadelos
penso na célebre foto da língua de fora
penso na rotação dos planetas periféricos e dos relógios atrasados
penso em poemas escritos nas trincheiras
penso em Cendrars a bordo do transiberiano
penso no quarto que um dia tive
penso em meu pai que ainda vive.

Ofereço a mim o próximo gole
como o mais solidário dos meus brindes
tocando de leve o fundo da garrafa
no poste escuro em que me escoro
e busco fôlego para cruzar a rua
para cruzar o ano
enquanto aguardo a hora
sob o facho agonizante de luz
de uma lâmpada a óleo.





Palavra Paris



A palavra Paris tem cinco letras
e dois milhões duzentos e quinze mil habitantes
distribuídos em cento e cinco quilômetros
quadrados de espiralada grafia
o que a torna a palavra mais densa do enrugado
grisalho e trêmulo continente:
vinte mil pessoas por quilômetro ou cinquenta
hipotéticos metros quadrados para cada uma
(isso deixando de lado os vinte e sete milhões de turistas por ano
que ninguém sabe ao certo como se inserem
nos cálculos e nas calçadas).

Nos trinta e cinco quilômetros do perímetro de Paris
palavra de duas sílabas e vinte arrondissements
há espaço para trezentas e setenta e duas salas de cinema
cento e trinta museus
cento e setenta e dois teatros
quatrocentas e setenta mil árvores em quatrocentos parques e bosques
e jardins de travestis e gramados sempre bem aparadinhos
mesmo se em repouso de inverno
trinta e sete pontes ao longo de treze quilômetros de Sena
e tantas tardes (quantas?) repetidas em suas margens
no malgrado esforço de entender pela observação
algo sobre o funcionamento do tráfego fluvial

dos piqueniques e dos primeiros beijos.

A palavra Paris carrega tantos nomes
além das placas-de-aqui-viveu dos prédios
as setecentas e noventa colunas Morris
as cento e vinte fontes Wallace
as oitenta e seis edículas Guimard
mas são os cinquenta e sete mil postes de luz anônimos
que mesmo na noite mais negra deixam ver
os ratos e as cervejas baratas
dos oito mil deitados em bancos, sacos de dormir, barracas
ao lado de Morris, de Guimard, de Wallace
sem saber quem são.

Cabem na palavra Paris vinte mil cafés
embora sejam dois em Saint-Germain-des-Prés
a levar sozinhos a fama
cobrando caro pela sensação de Sartre
esse que tantos tocos de cigarro pelo chão legou à humanidade
só de pensar nela
o mesmo chão que minha cabeça baixa esquadrinhou
por dezessete mil quinhentas e vinte horas sem chegar à conclusão
o mesmo chão que cento e cinquenta mil donos de cães
adornam com dezesseis toneladas diárias
do mais fino cocô não-recolhido do planeta.

No avesso da palavra Paris e nos mapas de bolso
enroscam-se catorze números e cinco
letras de linhas coloridas que não perdem o fio
nos trezentos e vinte e sete nós por onde transitam
quatro milhões e meio de passageiros por dia
como se num dado momento estivessem
todos e ao mesmo tempo nos subterrâneos
(isso duas vezes ao dia)
deixando então a superfície livre
e as rotatórias ainda mais redondas
as esquinas ainda mais em Y
mais simétricas as esplanadas, e amplas

a ardósia dos telhados mais acinzentada
e as áreas internas dos prédios ainda mais escondidas das ruas
as ruas de tantos sentidos e segredos desta palavra
que parece planejada para ser vista do alto
por pessoas que jamais chegaram
a vê-la do alto.

Paris é palavra de etimologia insular
e tem na Île de la Cité seu ponto zero
onde cento e oitenta e dois anos de pedras nos ombros
foram necessários para construir uma igreja que milhares de olhos
atrás de câmeras digitais percorrem em quinze minutos
essa mesma ilha onde viveu Maria Antonieta
encarcerada até rumar
de carroça para a guilhotina
também a Île Saint-Louis onde Baudelaire morou
e muito haxixe fumou com os amigos
e onde Camille Claudel perdeu a cabeça
mas não por guilhotina nem haxixe
e esta terceira ilha que meu pai ainda procura
como se algo de novo pudesse surgir
no mapa que levou consigo
a mão roçando a careca e a insistência
dos que vão deixando a memória pelo caminho.

Há na palavra Paris uma rua e um prédio
e uma porta vermelha e um código a-doze-sete-nove
anotado em uma folha de caderno
folha jamais consultada e que quando redescoberta
lembrará que o esquecimento é a maior das misérias
e que depois da porta vermelha havia uma escada
e cinquenta e oito degraus até um terceiro
andar e uma porta entreaberta (a da direita)
onde os tempos e modos agora se confundem
(será que foi sempre setembro?)
e diante da qual já não sei
se adentro para uma última vez
ou se termino de fechá-la com apenas palavras.

Mas como dispor e guardar
o que está fora e o que dentro esteve
dos vinte e dois metros quadrados
revirando névoas e noites, números e ninharias?
Esses vinte e dois metros quadrados
que divididos por dois são onze e são a parte
que cabe ou coube a mim dessa palavra
eu que não passo de um nome de cinco letras
e que conto os pássaros nas praças
e os amigos nos dedos.

As duas janelas e os dois invernos
o degrau da entrada com um violão
compondo atrás da porta (escorado no armário)
um enredo improvável com um patinete e um taco de hóquei
os dois cones truncados e invertidos que eram abajures
pendendo da prateleira de livros sobre nossas cabeças
tal qual o lustre de cristal que não era cristal
e que não era lustre mas disfarce
para a lâmpada que sorrateira escapava pelo lado
a poltrona vinho modelo poeta maldito
com defeito no assento (a que uma toalha dobrada
foi providencial para a correção da curvatura)
e sob a qual uma tapeçaria materna operou o milagre
da transformação do nada em gaveta
a mesa azul que era sala e cozinha e estante e escrivaninha
os pratos na parede com motivos florais
eu que não sou de paredes com pratos
que dirá de motivos florais
e a vassoura felpuda cujo nome jamais descobri
que compramos para nunca usar
simplesmente para estar ali
reservatório de pó no canto do banheiro
porque tudo haverá de estar ali
no canto da lembrança
esquecendo-se entre as cinco letras
da palavra Paris.



N'oubliez pas que vos bagages doivent comporter, de manière visible,
une étiquette avec vos nom et prénom.

GRANDO DIEGO

25 RUE DU TEMPLE
75004 PARIS
FRANCE

S00KJX

04350
332727232238



O autor

DIEGO GRANDO é poeta, autor
de *Desencantado carrossel* (Não
Editora, 2008). Nasceu em Porto
Alegre, em 1981.

Copyright © 2010 Diego Grando
Todos os direitos desta edição reservados à Não Editora.

Coordenação Não-Editorial
Samir Machado de Machado e Luciana Thomé

Conselho Não-Editorial
Antônio Xerxenesky, Guilherme Smee, Luciana Thomé,
Samir Machado de Machado, Rodrigo Rosp

Projeto gráfico
Samir Machado de Machado

Fotos
Diego Grando e Carol Bensimon

Revisão
Rodrigo Rosp



Romance

Areia nos dentes, de Antônio Xerxenesky
O professor de botânica, de Samir Machado de Machado
Uma leve simetria, de Rafael Bán Jacobsen

Conto

A virgem que não conhecia Picasso, de Rodrigo Rosp
Azar do personagem, de Reginaldo Pujol Filho
Pó de parede, de Carol Bensimon
Raiva nos raios de sol, de Fernando Mantelli
Veja se você responde essa pergunta, de Alexandre Rodrigues
Fora do lugar, de Rodrigo Rosp
A sordidez das pequenas coisas, de Alessandro Garcia

Poesia

Desencantado carrossel, de Diego Grando
Os dentes da delicadeza, de Everton Behenk

Antologias

Ficção de polpa, vol. 1, organizado por Samir Machado de Machado
Ficção de polpa, vol. 2, organizado por Samir Machado de Machado
Ficção de polpa, vol. 3, organizado por Samir Machado de Machado
Desacordo Ortográfico, organizado por Reginaldo Pujol Filho